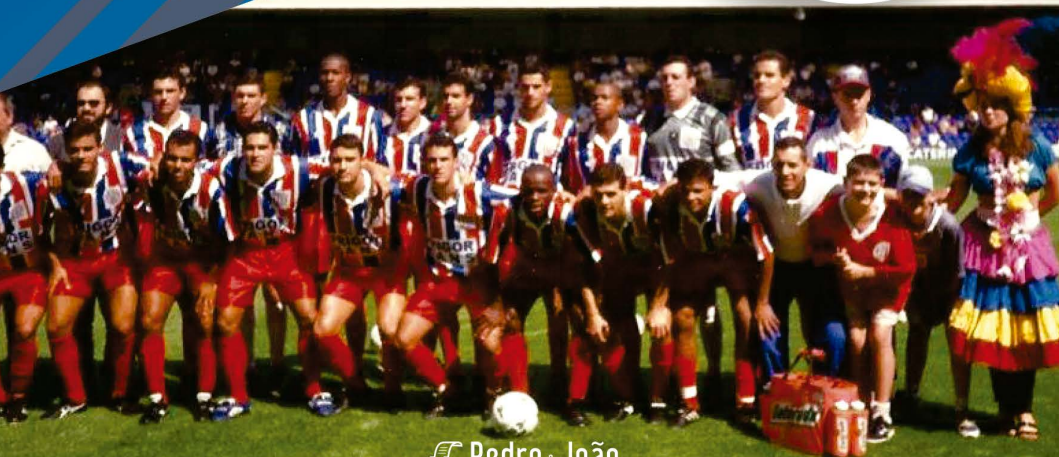


1997

o ano em que a
Europa conheceu o
Grêmio Sãocarlense
'Memórias'

LEONARDO CANTARELLI



1997
o ano em que a Europa conheceu o
Grêmio Sãocarlense

‘Memórias’

LEONARDO CANTARELLI

1997

o ano em que a Europa conheceu o

Grêmio Sãocarlense

‘Memórias’

Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Leonardo Cantarelli

1997. O ano em que a Europa conheceu o Grêmio São-carlense: memórias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 76p.

ISBN 978-85-7993-612-8 [Impresso/2018]
978-65-5869-245-4 [Digital/2021]

1. História futebolística. 2. Memórias de um time de futebol.
3. Grêmio São-carlense. 4. Autor. I. Título.

CDD – 796

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Revisão do texto: Aline Farias

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2021

Prólogo

“Não deixe a história do Grêmio São-carlense morrer! São Carlos precisa saber o que foi o Grêmio para a cidade. Precisa saber que um dia foi à Europa e enfrentou grandes times” (Nilson Balsadi Jr., torcedor fanático do Grêmio e um dos mais empolgados ao saber da publicação deste livro).

Índice

| | |
|---|----|
| Prefácio | 9 |
| Agradecimentos | 13 |
| 2ª edição: sucesso e novidades | 15 |
| O início do Grêmio Sãocarlense | 17 |
| A viagem | 23 |
| Viagem à Inglaterra | 31 |
| Viagem à Italia (Perugia, Troféu Cechi Gori, Torneio L'Aquila) | 43 |
| Saldo final e retorno | 61 |
| Perfil dos viajantes | 65 |

Prefácio

Era um jogo da Série A-2 do Campeonato Paulista de 1994. Foi no estádio Luisão e o adversário eu, infelizmente, não recordo. Nem mesmo o placar. Só lembro que o Grêmio São-carlense não perdeu. O Lobo tinha um bom time para aquele torneio e que lutava pelo acesso. Infelizmente, o retorno à elite estadual não veio.

Mesmo assim aquela noite de quarta-feira me fez sentir mais próximo do futebol. Esse esporte que, até então, eu apenas acompanhava pela TV e pelos jornais impressos, de repente eu estava em uma arquibancada.

A sensação era de pertencer mais ao futebol. Assistir a um jogo em uma cancha era muito diferente do que ver em casa ou escutar pelo rádio. Ouvir o grito da torcida. Os xingamentos. Não tem narração. Nem replay. Até desacostumar não é tão simples. Mas era divertido.

Passaram os anos e o Grêmio era o time da minha cidade e o Luisão a referência para ver uma partida e se sentir mais próximo desse espetáculo fascinante.

Quis o destino que as temporadas seguintes não fossem das melhores para o Lobo. Este vivia sofrendo na Série A-2 e sempre terminava mais próximo do ‘inferno’ do que do ‘céu’. Em 2003, veio o temível rebaixamento para a A-3 e, no ano, seguinte caiu para a Quarta Divisão e se licenciou da Federação Paulista de Futebol.

Todos que viveram em São Carlos e gostam de futebol têm alguma história do Grêmio para contar. Os anos na elite do futebol de São Paulo, com os grandes vindos à capital da tecnologia enfrentar o G.E.S.

Entretanto, com o passar dos anos, as pessoas se vão, as memórias se apagam e, se não há registros, a história tende a ser esquecida.

O Grêmio, assim como diversos clubes, tem suas histórias e façanhas para serem relatadas. Talvez poucos tenham um feito único como o Sãocarlense que, em agosto de 1997, viajou à Europa.

Em 2017, se completou 20 anos dessa turnê pelo Velho Continente. Visando lembrar essa epopeia, eu entrevistei o ex-jogador e atualmente empresário Neto Genovez e publiquei uma matéria no meu blog Arquivos e Histórias F.C e foram republicadas aqui.

Praticamente na imprensa ninguém lembrou desse feito. Tampouco foram atrás dos envolvidos nessa turnê.

Uma história cheia de tramas, mutretas, desconfianças e aventuras não pode ficar apenas no imaginário das pessoas. Precisava de um registro maior. Mais que uma reportagem. Um livro.

Não foi tão simples. Era um período em que não havia redes sociais, as mídias eram menores e, para tirar fotos, não era tão simples como nos dias de hoje (rolo de câmera, depois mandar revelar e torcer para não queimar o filme). Foi comum muitos dizerem que não tinham fotos e documentos dessa viagem. A memória de muitos já não guardava com clareza os detalhes dos jogos. Nem tudo foi possível esclarecer (como o resultado com o L'Aquila), mas aqui está uma publicação com alguns documentos, fotos e depoimentos de quem esteve naquela excursão.

A história de clube de uma cidade do interior de São Paulo que enfrentou grandes adversários da Itália e da Inglaterra durante o verão europeu está agora relatada em um livro.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, aos meus pais (Mara e Jairo), por terem sempre me apoiado no jornalismo e me ajudado a conquistar os meus objetivos. A minha tia Maritza por ter sempre acreditado em mim. Aos demais parentes e amigos pelo incentivo de sempre.

Agradeço aos ex-presidentes do Grêmio São-carlense, Sérgio Roberto Almeida (conhecido popularmente como Careca) e Sérgio Piovezan, que me ajudaram com publicações e histórias sobre o clube. Ao ex-diretor Jean Carlos Pereira, ao técnico Carlos Rabello e aos ex-atletas, Sílvio, Neto Genovez, Natella, Olídio e ao ex-jornalista Aenders Almeida que estiveram naquela excursão e foram solícitos com arquivos e depoimentos para este livro. Ao Wille Onofre que recordou algumas falas de seu filho Ville (in memoriam) na excursão e que agora estão imortalizadas nesta publicação. Ao ex-diretor e lenda do futebol são-carlense Francisco ‘Chico’ Ponzio (que nos deixou em 2020), ao atual diretor Dr. Celso Segnini e ao seu filho, Vinicius Segnini (amigo meu de longa data) por documentos e jornais sobre a excursão.

Menção honrosa a Pete Oliver e Ray Simpson, assessor e historiador, respectivamente, do Burnley F.C. por terem ajudado a colher dados do amistoso entre as duas equipes.

Ao pesquisador e historiador do Museu do A. C. Perugia Calcio, Massimo Calzoni, com informações sobre o amistoso entre brasileiros e italianos. Ao jornalista italiano Adriano Stábile por passar dados da partida entre Fiorentina e Grêmio e ao pessoal da Lazio Wiki, que cuida da história do clube da capital italiana e forneceu a ficha técnica do confronto deles com a equipe paulista.

Por fim, um agradecimento especial ao ex-jogador Marcos Paulo por ajudar a entrar em contato com a maioria dos ex-futebolistas e a cada um que me ajudou nessa jornada de algum modo (impossível citar todos).

2ª edição: sucesso e novidades

Esta segunda edição, sendo somente para e-book, é resultado do sucesso que foi a primeira publicação, onde houve três tiragens e houve 100% de vendas.

Agradeço a todos os leitores, pois, tive um retorno muito positivo e isso me motivou para seguir em frente com este trabalho. É frequente em muitas pesquisas históricas, não encontrar a resposta para todas as perguntas e alguns itens da pauta não serem preenchidos.

A viagem do Grêmio São-carlense à Europa em 1997 foi muito pouco explorada pelos meios de comunicação e quase não há documentos. Logo, foi necessário fazer um trabalho praticamente do zero e foi muito prazeroso descobrir os detalhes desse episódio único na história do futebol. Entretanto, nem tudo foi descoberto sobre a excursão. Por exemplo, o resultado contra o L'Aquila, no final da turnê. Este ainda segue uma incógnita.

Por outro lado, consegui conversar com o zagueiro Fábio, que esteve na delegação do Lobo da Central. O defensor foi um dos atletas do empresário

Carlos Roberto que se juntou ao elenco são-carlense às vésperas da viagem. Logo, ele deu detalhes de como surgiu o convite, contou fatos e mostrou documentos inéditos da preparação dos paulistas na Inglaterra e na Itália. Um episódio inusitado que o ex-defensor relatou foi quando quis seguir um conselho de dois guias italianos e se deu mal! Fábio soube do livro, quando um amigo seu de infância, que mora em São Carlos/SP, o deu de presente e claro, ficou muito feliz com a surpresa.

Era comum me perguntarem sobre uma segunda edição ou uma edição online. As sugestões sempre foram muito bem-vindas, mas eu avaliava que era necessária alguma novidade para relançar um produto no mercado. Já houve a primeira impressão, depois houve uma versão apenas em preto e branco e posteriormente uma terceira tiragem, que era a mesma que a segunda, mas colorida e com algumas pequenas modificações (revisões no texto) e agora a segunda edição, que é virtual, e com entrevista e fotos inéditas.

O trabalho, embora atualizado, não parará por aqui. Seguirei em busca de mais informações para no futuro lançar mais uma versão inovadora. Mais uma vez muito obrigado e boa leitura,

O início do Grêmio São-carlense

Era 14 de fevereiro de 1976. O Clube Atlético Paulistinha estava completando 15 anos de fundação. Para comemorar o aniversário, foram marcados três amistosos contra o Corinthians. Dois com os times das categorias de base e um com o profissional. O Timão levou os principais jogadores para o confronto. Ressaltando que o C.A.P. não possui um time profissional e para o embate contra a equipe paulistana reuniu os principais jogadores amadores da cidade para montar um time.

O Estádio Luís Augusto de Oliveira lotou para esses jogos. São Carlos parou para assistir esses amistosos. Isso empolgou pessoas da cidade para criar uma equipe de futebol profissional. Na primeira reunião para fundar um clube, houve por volta de 40 pessoas. Na segunda, houve 20. Com receio de um desânimo maior, Sérgio Piovezan organizou a última reunião em sua chácara e foi fundado o clube no dia 19 de março de 1976. O Madrugada F.C., que era um clube localizado na Vila Prado, um dos bairros mais famosos da cidade, foi o embrião do que viria a ser o Grêmio São-carlense. A equipe já tinha registro na Federação

Paulista de Futebol, logo foi só arranjar um nome que obtivesse identificação maior com o município. Foram sugeridos vários e acharam que Grêmio Esportivo São-carlense soava pomposo e, imponente, e por isso acabou sendo esse o escolhido. Alguns jogadores do Madrugada F.C. acabaram fazendo parte do primeiro elenco do Grêmio São-carlense.



Fonte: Fundação Pró-Memória de São Carlos

Como todo clube do interior, sempre há dificuldades em ter uma boa administração financeira e conseguir crescer esportivamente. Com o Lobo da Central não foi diferente. Passou anos disputando as séries inferiores do estado de São Paulo.

“O que nos ajudava muito nesse período era a imprensa e a torcida. Muitos jornalistas não só cobriam como apoiavam o clube. A torcida sempre

estava conosco. Uma marca do clube. Lembro em 1982 quando fomos jogar contra o Taquaritinga na casa deles. Levamos 55 ônibus para lá. No dia era muita gente querendo ir ao jogo. Um ônibus chegou com umas 80 pessoas. Tinha gente até entrando pela janela (risos). Foram carros também seguindo os ônibus. Creio que levamos por volta de 4 mil pessoas. Na hora de entrar no estádio foi uma grande confusão. O portão acabou quebrado, alambrado caiu, tumulto geral. Alegaram que não tinha segurança para realizar o jogo. Mesmo assim a partida aconteceu. Infelizmente perdemos por 1 a 0, mas até hoje se fala desse episódio”, lembrou Sérgio Piovezan, um dos fundadores do clube.

“Aonde o Grêmio ia, a torcida ia junto. Em várias cidades. Creio que a nossa torcida, se comparar as outras do interior de São Paulo, só não era mais fanática que a da Ponte Preta. Foi isso que nos ajudou a seguir em frente, essa ligação forte entre torcida e time, pois não era fácil jogar uma segunda divisão paulista. Os clubes eram fortes, alguns mais antigos e mais estruturados que o Grêmio e até com mais poder na federação e com os árbitros. Percebi que para crescer não bastava ter um bom time, tinha que ter um bom trânsito nas federações e com os dirigentes. Questão política mesmo, deles saberem quem é você e te respeitarem. Outra situação que dificultava e

ainda é complicada para os times do interior é a questão salarial. Estávamos indo bem em determinada temporada, mas acabava tendo problema salarial e, inevitavelmente, tinha uma queda no campo. Isso sempre foi difícil. Mas chegamos lá na primeira divisão, o que era o nosso grande objetivo”, emendou Piovezan.

Foi em 1989 que o G.E.S. faturou seu primeiro e único título: a Terceira Divisão do Campeonato Paulista. No ano seguinte, acabou conseguindo pela primeira vez o acesso à elite do futebol paulista. Permaneceu por duas temporadas e depois de rebaixado nunca mais voltou. Devido a problemas financeiros, acabou indo à falência em 2004. Nesse período, ainda teve, por muitos, a maior revelação do clube: o meio-campista Giovanni, que hoje é ídolo do Santos (melhor jogador do Brasileiro de 1995), com passagens por Barcelona e que defendeu a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1998. No entanto, o atleta oriundo do Pará acabou jogando pouco e sua passagem não foi memorável. Muitos dizem que ele teve dificuldades com o clima na cidade, bem diferente do norte do Brasil.

Ainda nos anos 90, o ex-zagueiro Luiz Pereira, ídolo do Palmeiras, Atlético de Madrid e Seleção Brasileira, foi treinador do Sãocarlense. Quem o

trouxe foi Sérgio Roberto de Almeida, o ‘Careca’, um dos fundadores do clube e presidente naquela época.

“Chamava a atenção a presença que o Luiz Pereira causava nas cidades em que íamos jogar. Sempre vinha a imprensa, ex-jogadores e gente famosa nos visitar para falar com o Luiz Pereira. Era o Grêmio do Luiz Pereira. Lembro quando enfrentamos o Juventus na Rua Javari, o Luiz Pereira deu a mão para umas 2 mil pessoas (risos). Todos queriam cumprimentá-lo e conhecê-lo. Foi uma época diferente para o clube. Embora ele não tenha conseguido o acesso para a Série A-1, fizemos uma boa campanha”, lembrou o ex-mandatário.

No entanto, o grande feito do clube foi viajar à Europa! Mais precisamente em 1997. Uma história épica, rara e única. Enfrentou grandes times da Itália e da Inglaterra!

Essa história, pouco contada e lembrada na cidade, não poderia ser esquecida. Por essas e outras que esse livro surgiu. Bem no ano do ressurgimento profissional do agora Grêmio Desportivo São-carlense, que em 2018 disputou a Série B do Campeonato Paulista (o equivalente a quarta divisão) e foi eliminado na primeira fase.

A Viagem

“Foi tudo de repente. Estávamos treinando um dia e chegaram os dirigentes perguntando quem não tinha passaporte, pois daqui algumas semanas iríamos viajar para a Europa. Naquela época, para tirar passaporte era necessário ir até Ribeirão Preto/SP. Mal sabíamos como e para onde iríamos. Itália ou Inglaterra. Ou os dois? Tínhamos pouca informação”, recordou o ex-jogador Natella.

A equipe treinada por Carlos Rabello (sub-20 do Lobo) era jovem e se reforçou com atletas do empresário Carlos Roberto. Os futebolistas cedidos foram Sílvio, Douglas, Fábio, Cosme, Pablo, Marcinho e Bernardo. O plantel todo só se conheceu na viagem. Treinamento juntos apenas quando chegaram ao Reino Unido.

“Na época, eu estava no Mirassol disputando o Quadrangular Final da Série A-3 do Campeonato Paulista e o meu empresário (Carlos Roberto) me chamou para uma reunião. Pediu para eu providenciar meus documentos para fazer um passaporte, pois, eu iria para uma excursão à Europa. Faltavam ainda duas partidas para o término da A-3, mas não tinha como

esperar. Lembro que entrei em campo contra o Olímpia, no domingo, na segunda-feira fui até São Carlos e terça viajamos”, recordou o zagueiro Fábio, que na época, tinha 20 anos e veria o Mirassol ser campeão da A-3.

O elenco e a delegação que embarcaram foram:

Goleiros: Silvio e Ricardo

Defensores: Ville, Fábio, João Cléber e Douglas

Meio-campistas: Olidio, China, Cosme, Cléber, Marcinho, Pablo e Roberto.

Atacantes: Marco Aurélio Zopellari, Natella, Neto, Bernardo e André.

Técnico: Carlos Rabello

Massagista: Walter de Souza Oliveira

Roupeiro: Jean Paulo Pereira

Chefe da Delegação Homero Santarelli

Médico: Toshio Toyota

Presidente: Sérgio Roberto Almeida (Careca)

Jornalistas: Aenders Almeida (Rádio Progresso e Rádio São Carlos) e Rosinaldo Ribeiro (Gazeta Esportiva)

Mas afinal, como apareceu o convite e por que o Grêmio São-carlense?

Muitos boatos sempre rondaram essa história. Como surgiu o convite? Por qual motivo? Era para ir no lugar de qual Grêmio? Novorizontino/SP? Porto Alegre/RS? Quem era o empresário que levou o São-carlense para a Europa? Os clubes europeus foram enganados?

“Inicialmente, o convite foi feito para o Grêmio Novorizontino, que não aceitou, alegando que era um período em que estavam em inatividade e não teriam tempo para montar um elenco. Como eles eram próximos da gente (diretoria do São-carlense), nos repassaram o convite e aceitamos. Como íamos negar ficar 26 dias na Europa e de graça? Não tinha como recusar. ‘Caiu no nosso colo a excursão’”, esclareceu Sérgio Roberto de Almeida, o Careca, presidente do G.E.S. na época.

No dia 9 de julho de 1997, o jornal Primeira Página publica uma matéria falando da venda dos jogadores Olídio e Neto ao empresário Carlos Roberto. A reportagem ainda informa que Olídio seria integrado

ao Novorizontino para uma excursão à Itália. No entanto, os dois permaneceram no Lobão e integraram o elenco que esteve na Europa.

“Quem nos levou à Europa foi um empresário italiano (obs: Antonio Rossellini, italiano radicado no Brasil e que tinha licença da UEFA para levar brasileiros para excursionar na Europa). Inicialmente, nos disseram que íamos no lugar do Novorizontino. No entanto, quando chegamos na Itália, já no fim da excursão, descobrimos que fomos no lugar do Grêmio de Porto Alegre/RS. Soubemos disso só lá”, lembrou o técnico Carlos Rabelo.

“Ninguém sabia que estávamos indo no lugar do Grêmio de Porto Alegre/RS. Nem a diretoria e nem os jogadores estavam cientes. Ao desembarcarmos na Itália, fomos escoltados até o hotel. Um organizador do evento deu uma bronca em todos por não estarmos de terno e gravata que era o combinado. Ninguém sabia disso. Chegamos no hotel e era cinco estrelas. Eu nunca tinha estado em um hotel cinco estrelas. Em seguida, comentei com o Natella (outro jogador da equipe) : 'Tudo isso está muito estranho. Tem algo errado'. No dia seguinte, fomos tomar café da manhã e nas mesas do restaurante do hotel havia uma pequena placa com o símbolo do Grêmio de Porto Alegre. Ali entendemos que era um golpe do

empresário italiano que nos levou para lá", disse o ex-jogador Neto Genovez.

Sinceramente, no início ninguém percebeu nada. Primeiro, jogamos com times que não eram da elite da Inglaterra e depois, na Itália, iríamos jogar contra o Perugia, que também não estava na primeira divisão. Só me dei conta que poderia ter algo estranho, quando fomos enfrentar Lazio e Fiorentina, que eram equipes de grande expressão no futebol e tinham jogadores de Copa do Mundo. Ali percebemos que talvez não era para nós estarmos participando dessa excursão (risos)", continuou Fábio.

Em uma matéria publicada pelo extinto jornal Notícias Populares no dia 24 de agosto de 1997 (nove dias após o retorno do Lobão para o Brasil), falando sobre essa excursão, há uma informação que, na Inglaterra, em uma revista que divulgaria o duelo dos paulistas contra o Burnley, houve a publicação do nome correto da equipe e do distintivo, mas o histórico no campo e os títulos foram atribuídos ao clube da equipe de Porto Alegre/RS. Inclusive o atacante Paulo Nunes, vendido até então ao Benfica de Portugal, foi dado como atleta da equipe de São Carlos/SP.

“Realmente colocaram os dados do Grêmio de Porto Alegre nessa revista, mas não temos nada com

isso. Mandamos o nosso currículo e todos os papéis com o nosso nome. Não enganamos ninguém “, defendeu-se Careca em entrevista ao NP.

“Nessa época, o Grêmio/RS estava se preparando para amistosos na Holanda e na Espanha. Até que chegou ao meu ouvido que tinha uma equipe brasileira excursionando com o nosso nome pela Europa. Jogaram um torneio na Itália. Não recebemos convite para jogar este torneio (Cecchi Gori)”, recordou Luis Carlos Pereira Silveira Martins, conhecido como Cacalo e que era presidente do Grêmio de Porto Alegre/RS em 1997, em entrevista a este livro.

Cacalo afirma ainda não se recordar quem foi a sua fonte sobre o Grêmio São-carlense usar a identidade do Imortal no Velho Continente.

“Não me lembro quem teria me dito isso. Nessas viagens, sempre encontramos brasileiros em aeroportos. Jogadores, comissões técnicas, jornalistas e torcedores. Em algum momento, um deles me falou sobre esse caso. Isso foi em 1997, há muito tempo”, emendou.

Na já citada matéria do NP, Cacalo foi entrevistado e disse que empresários europeus o teriam ligado e informado sobre o ocorrido. Ele ainda afirmou que isso não foi a primeira vez que aconteceu e que iria

processar o Grêmio São-carlense. Fato que não ocorreu.

A reportagem assinada por Ricardo Perrone ainda informou que o clube paulista iria ficar 35 dias na Europa e faria amistosos na Espanha e na Holanda. No entanto, voltou antes do previsto e não pisou em solos espanhóis e holandeses. Por uma suposta coincidência, foi bem no momento em que a equipe gaúcha embarcava para a Europa, onde enfrentaria o Ajax na inauguração da Amsterdam Arena e faria alguns amistosos com equipes espanholas.

“Eu lembro que estava na redação do Notícias Populares e vi um trecho do jogo, creio que contra a Fiorentina, e notei que o símbolo na TV era o do Grêmio de Porto Alegre, mas em campo estavam atletas do time de São Carlos. Depois passei a querer me informar mais sobre essa ida do Grêmio São-carlense à Europa. Entrei em contato com o pessoal do Burnley e eles me falaram que acreditaram terem jogado contra o Grêmio de Porto Alegre/RS. Infelizmente, não posso te falar da apuração com exatidão, pois já faz muito tempo”, disse Ricardo Perrone para este Livro.

“Eu tinha todos os documentos. Fiz a saída junto à CBF e à FPF. Quem levantou esse problema foi o programa *Cartão Verde da TV Cultura*. E, no programa,

eu levei todos os documentos e falei ao jornalista *José Trajano*: “Eu não vou dar entrevista, mas os documentos estão aqui. Estava tudo certo. Na viagem, um repórter da Gazeta Esportiva, Rosinaldo Ribeiro e meu filho (Aenders Almeida) que era da Rádio Progresso nos acompanharam. Então, não fizemos nada de errado”, continuou Careca.

“Sobre o convite à Espanha, o recebemos de um empresário que queria fazer um amistoso contra o Valencia. Na época, o Valencia tinha contratado o Marcelinho Carioca e queria fazer um amistoso contra um time brasileiro na estreia do meia. Mas nós já estávamos há vários dias longe de casa e como já sabíamos do nosso nível perante os europeus, achamos melhor não ir à Espanha”, emendou Jean Paulo Pereira, ex-diretor do clube e que foi como roupeiro na excursão.

Careca confirmou que recebeu o convite para atuar em campos espanhóis, mas o cansaço ‘falou mais alto’ e achou que era hora de retornar ao Brasil.

Em entrevista ao Primeira Página, o ex-mandatário gremista, afirmou que iria processar o jornalista Ricardo Perrone pela matéria feita pelo Notícias Populares. Fato que não ocorreu.

Viagem à Inglaterra

Os jogadores, em Guarulhos/SP, embarcaram no dia 29 de julho, uma terça-feira, pelo voo da Alitalia com escala em Roma e destino final em Londres. Em seguida, foram para Liverpool. O clube brasileiro ficou hospedado na cidade dos Beatles. Todos os viajantes estavam encantados e surpresos com os aeroportos da Europa em que muitos se parecem shoppings centers de tão grandes que são.

No Reino Unido, Careca lembrou algumas diferenças culturais em relação ao Brasil. Certo dia, Careca saiu com o seu filho, Aenders, para buscar alguns petiscos como presunto e queijo em forma de quadradinhos. No entanto, segundo o ex-mandatário, na Inglaterra, isso não é comum e botecos iguais aos do Brasil não existem. Os de lá são muito diferentes.

Posteriormente, pediram as porções ao gerente do hotel que não entendia muito bem o que eles queriam. Com isso, o gerente os levou até a cozinha e lá explicaram como deveria ser feito. Os cozinheiros ficaram impressionados com aqueles cortes dos queijos e porções, pois lá só usavam para fazer lanches.

“Isso eu lembro bem. Meu pai queria uma porção de queijo. Aqueles quadradinhos para comer e

ninguém entendia no hotel. Fomos até a cozinha e eu tive que explicar para o pessoal o que ele queria. Não era algo comum na Inglaterra, mas eles acabaram fazendo uns quadradinhos”, lembrou o jornalista Aenders Almeida, que acrescentou outras diferenças culturais entre os dois povos.



Informativo pré-jogo do Grêmio Sãoocarlsense

“Os jogadores estavam acostumados a comer self-service. Bem típico do Brasil. Mas é algo do brasileiro. Nos outros países, não tinha isso, principalmente naquela época. Mas eles pediram no hotel e os garçons achavam um absurdo o tal self-service, pois desconheciam. O hotel nos preparou self-service, mas não no refeitório. Ficamos no auditório, separado dos outros hóspedes. Os jogadores foram se servindo e os garçons ficaram assustados com a ‘montanha’ de comida que alguns deles faziam no

prato. Na Itália, também pedimos no hotel que fizessem self-service, mas lá eles foram mais rigorosos e não fomos atendidos. Os italianos têm todo um ritual para comer e não fizeram o self-service”, continuou, Almeida, único repórter de São Carlos a cobrir in-loco a excursão. Ele fazia boletins diários para às rádios Progresso (atual Rádio Clube FM) e São Carlos.

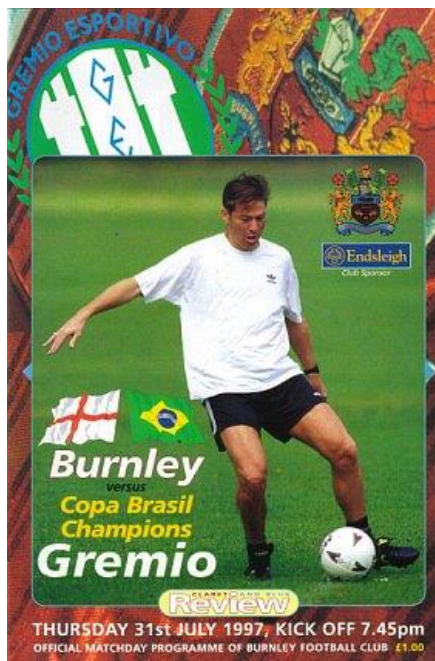
“Eu acompanhava a rotina de treinos e jogos e passava posteriormente para as rádios. Explicava como havia sido o dia do Grêmio São-carlense. A maioria desses boletins era ao vivo. Naquela época, para ficar mais barato, eu consegui um código que ligava diretamente para o Brasil, sem a necessidade da intervenção de uma telefonista (muito comum em ligações internacionais, que segurava numa segunda linha e posteriormente repassava a chamada). Não lembro o código que eu usava, mas fazia uma ligação a cobrar e ia direto para as rádios. Saía bem mais barato. Fazia nos orelhões das cidades, pois nos hotéis ainda cobravam uma taxa para usar. Em Liverpool, era nesses orelhões tradicionais que vemos nas TV’s, que era uma cabine quadradinha e vermelha. Entrava e telefonava. As ligações duravam em média de 5 minutos. Uma ou outra vez, levei um jogador para falar com as rádios”, contou Almeida.

Ainda na Terra da Rainha, falando do futebol, os atletas sentiram as diferenças de temperatura e

ambiente logo nos primeiros dias, bem diferente do que estavam acostumados no Brasil.

“Na Inglaterra, sentíamos muito a diferença nos treinamentos. Não era fácil treinar com chuva, frio e campo pesado. Era difícil se acostumar. No entanto, levávamos na boa, pois era tudo novidade”, lembrou Natella.

O primeiro compromisso na ilha britânica foi contra o Burnley no dia 31 de julho. A cidade, que leva o mesmo nome do clube, fica na região de Lancashire no noroeste inglês. As principais cidades são Liverpool e Manchester. A região é muito importante para o Reino Unido devido ao forte comércio e a forte industrialização.



Anuncio do amistoso entre Burnley x Grêmio Sãoocarlense. Crédito: Ray Simpson/Burnley Football-Club.

O Burnley Football-Club foi fundado em 1882 e é bicampeão inglês (1920/21 e 1959/60) e possui 1 Copa da Inglaterra (1913/14).

A equipe vinho-tinto se preparava para disputar a Segunda Divisão Inglesa e faria seu primeiro amistoso da pré-temporada 1997/98. O treinador Chris Waddle, recém-contratado, mandou a campo: Marlon Beresford, Richard Huxford, Chris Vinnicombe, Michael Williams (depois Gordon Cowans), Steve Blatherwick (Ian Duerden), Mark Winstanley, Paul Weller (Glen Little), Damian Matthew (Nigel Gleghorn), Andy Cooke (Dean West), Jamie Hoyland, David Eyres (Phil Eastwood).

Já pelo lado dos carlopolitanos Carlos Rabello escalou: Silvio, Ville, João Cleber, Douglas (depois Fábio) e China; Pablo, Roberto, Olidio e Léo, Marco Aurelio e Cosmo.

“Sentimos muito o estilo do jogo inglês. Bola pesada e contato físico muito forte. Era trombada atrás de trombada e nada de falta. Nosso jogador caído e o juiz mandando o jogo seguir. No início, o jogo foi equilibrado, mas aos poucos o Burnley foi se impondo através da técnica. Era difícil equilibrar o jogo. Sentíamos muito também a falta de entrosamento. Principalmente na parte tática”,

relembrou Natela que entrou no decorrer do confronto.



Ex-jornalista Aenders Almeida ganhou uma camisa do Tranmere Rovers e a guarda até os dias de hoje.
Crédito da foto: Leonardo Cantarelli.

“Antes dos jogos, a diretoria chamou eu e o Beto para uma conversa. Os diretores falaram que nós éramos as grandes promessas do time e que queriam nos vender para algum clube europeu. Queriam ganhar dinheiro com a gente. Pediram para que atuássemos leves e soltos, pois nós éramos jovens e as apostas deles. O problema é que a diferença técnica nossa perante os adversários era gigante. Eles estavam sempre com a bola e nós correndo atrás deles. Não dava para mostrar muito serviço. O que eu mais recordo era o jogo contra o Burnley. Em um raro momento, eu vi que a bola sobriaria para mim. Ela estava pelo alto no campo de defesa do

Burnley. Eu, livre de marcação, corri em direção a bola. Meu plano era esperar ela dar um quique no campo para depois finalizar com força e, quem sabe, fazer um gol. No entanto, na hora que a pelota caiu no campo, ela não deu o quique que eu estava esperando. Ficou amortecida na grama. Meu plano deu errado e meu pé ficou preso no campo, o que fez com que eu tomasse um tombo histórico. O estádio estava cheio e me vaiou. Se tinha alguma esperança de negociação, ela se foi naquele lance”, lembrou Neto, que entrou no decorrer da partida e atuou para um público de 5.666 presentes. A partida terminou 1 a 0 para os britânicos. O gol foi anotado por Andy Cooke ainda no primeiro tempo.



Zagueiro Fábio no estádio onde ocorreu o confronto contra o Tranmere Rovers. Imagem: arquivo pessoal/Fábio.

Após o primeiro compromisso na Grã-Bretanha, os sul-americanos retornaram a Liverpool. O próximo embate seria contra o Tranmere Rovers. A equipe azul e branca também se localiza no noroeste Inglês, porém próximo de Liverpool, mais precisamente na cidade de Birkenhead (cuja população gira em torno de 90 mil habitantes). O grande feito da equipe, fundada em 1921, foi ter sido vice-campeã da Copa da Inglaterra na temporada 1999/2000. No momento, disputa as divisões inferiores da Inglaterra.

Voltando ao confronto contra os são-carlenses, a equipe inglesa fez uma revista divulgando o evento. Na capa, havia a data do jogo (2 de agosto), a hora (15h, horário local) e, na parte interna, uma matéria falando sobre a equipe brasileira chamada de Grêmio Paulista. Registrou o ano de fundação do clube e enalteceu grandes jogadores que atuaram pelo Lobão como o meia Giovanni e o atacante Paulinho Mc Laren. Explicou que o Grêmio era da cidade de São Carlos, que disputava torneios estaduais e, em 1996, participou da terceira divisão brasileira. Fez uma lista sobre os atletas que estavam representando o clube na Inglaterra e alertou que era cultural no Brasil os futebolistas serem conhecidos por seus apelidos, usando, Juninho Paulista

(atuava no Middlesbrough), um exemplo famoso à época e que se chama Osvaldo Giroldo Júnior.

Ao entrar em campo, os atletas posaram para a tradicional foto e havia, como companhias, mulheres trajadas de Carmen Miranda. Uma forma de homenagear a cultura brasileira.



Registro da partida contra o Tranmere Rovers

Fonte: Arquivo pessoal/Natella

O embate acabou 1 a 0 para os anfitriões.

“Um lance legal que eu lembro foi contra o Tranmere Rovers. Por uma das laterais, um marcador dele quis me agarrar e não conseguiu, cruzei na área e o Marquinho Zopellari cabeceou e a bola passou perto travessão. Foi um bom lance. Algo raro, pois conseguimos construir uma jogada. Eu, embora fosse

atacante, parecia estar mais atuando como lateral de tanto que corria atrás para marcar”, lembrou Natella.

“Nos jogos da Inglaterra, o que eu mais lembro era a diferença física deles para a nossa. Eles eram bem maiores. Para marcar os atacantes era difícil, pois eram bem mais alto que os nossos defensores. Sofríamos muito com essa diferença “, continuou o ex-volante Olídio.

Careca ainda recordou o quão fascinado ficou com a estrutura dos clubes ingleses e citou até um jantar chique em que foi convidado.

“Em um desses jogos da Inglaterra, não me lembro qual, sentei numa das arquibancadas principais, onde havia 2 fileiras com mais ou menos 150 pessoas, todas trajando terno e gravata e eram da diretoria e do conselho do clube. Acabava o primeiro tempo e a arquibancada coberta era um restaurante. Serviram frango a passarinho, leitoa à pururuca, files, um jantar no intervalo. Coisa inédita. Eu fui convidado por ser o presidente e participei. Algo inédito na minha vida”, falou o ex-mandatário.

Após esses amistosos, o G.E.S ficou hospedado uma noite em Londres, antes do embarque à Itália. Na capital inglesa, ficaram em um hotel cinco estrelas,

onde, meses antes, a Seleção Brasileira havia se hospedado para jogar um amistoso. No jantar foi servido comida brasileira ao Grêmio Sãocarlense.



Fonte: Arquivo pessoal do Natela

Viagem à Itália

Perugia

O primeiro compromisso na Itália foi contra o Perugia. O time leva o mesmo nome da cidade em que está localizado e é a capital da província de Umbria. Dentre as 20 províncias italianas, esta, encravada no centro do país, é a única que não possui saída para o mar. Foi lá, mais precisamente na cidade de Foligno, que o Grêmio São-carlense ficou hospedado a maior parte do tempo quando esteve em terras italianas.

Já a Associazione Calcistica Perugia Calcio foi fundada em 1905 e seus grandes feitos foram um vice-campeonato italiano, de forma invicta, na temporada 1978/79 e o título da extinta Copa Intertoto (2003). Essa competição era organizada pela UEFA e participavam equipes que não tinham conseguido vagas para a Liga dos Campeões da Europa e para a Liga Europa. O torneio durou até 2008.

O duelo foi no estádio Renato Curi, em Perugia, e os anfitriões venceram por 3 a 1.

Buon primo tempo anche se chiuso in parità, nella ripresa arrivano due reti (3-1)

Perugia, avanti a forza

Grifo semplice e spigliato, battuto il Gremio di San Paolo

Federico Scarpia

PERUGIA: Kocić (15' a.t.), Deaschi, Tangora (29' a.t.), Cattoli, Colaninno (29' a.t.), Traversa, Bernardini (37' a.t. Di Salvo), Marcon (37' a.t.), Gassalini, Migliorini (1' a.t. Marcon), Lombardo (28' a.t.), Pomeroy, Cucchi (32' a.t.), Baccari, Guidoni (35' a.t.), Rastelli, Paredini (1' a.t.), Russo, Thorning (1' a.t.), Romoli.

GREMIO ESPORTIVO SAN PAULO: Miranda, Chile, Joazeiro, Fabio, Olibo, Leo (29' a.t.), Roberto, Marquarino (20' a.t.), Chibrita, Cassin (32' a.t.), Andre', Non entrali: Silvio, Douglas, Naldo, Neto.

ARBITRO: Versaci di Ferro.

RETI: al 2' Tangora, 35' Cassin. Secondo tempo: 1' Bernardini rigore, 37' Romoli.

NOTE: - Angeli: 5-6 per il Grêmio, Spontakovic: 8/10. Un difensore a essere con il portiere Luciano Casati, l'antidisciplinate cagliano a Perugia, Magda Mijalovic il dipendente tedesco Bitter. - Previsto anche l'insediamento a nuovo allenatore del Venezia Nardoni.



Thorning, attaccante danese di Perugia, sta calcando contro il Grêmio Esportivo

Gremio Portogliese campione in carica solo, espulso solo una volta per sofferto in media di tempo. Il Grêmio ha chiuso in parità il primo tempo ed ha sempre la rotazione bianca e nera alla prova verbalizzazione. Nella ripresa, un po' meno, di almeno un minuto di spazio, un rigore ad inizio di tempo ed un tocco di Romoli hanno chiuso la partita. Avvicinando i avversari ad un paio di metri, il difensore è stato espulso per aver toccato il pallone con la mano. Per chi è in cerca di notizie, il Grêmio ha fatto vedere la partita su una rete ai beniamini del Grêmio Esportivo di San Paolo (non il

Grêmio Portogliese campione in carica solo, espulso solo una volta per sofferto in media di tempo. Il Grêmio ha chiuso in parità il primo tempo ed ha sempre la rotazione bianca e nera alla prova verbalizzazione. Nella ripresa, un po' meno, di almeno un minuto di spazio, un rigore ad inizio di tempo ed un tocco di Romoli hanno chiuso la partita. Avvicinando i avversari ad un paio di metri, il difensore è stato espulso per aver toccato il pallone con la mano. Per chi è in cerca di notizie, il Grêmio ha fatto vedere la partita su una rete ai beniamini del Grêmio Esportivo di San Paolo (non il

Grêmio Portogliese campione in carica solo, espulso solo una volta per sofferto in media di tempo. Il Grêmio ha chiuso in parità il primo tempo ed ha sempre la rotazione bianca e nera alla prova verbalizzazione. Nella ripresa, un po' meno, di almeno un minuto di spazio, un rigore ad inizio di tempo ed un tocco di Romoli hanno chiuso la partita. Avvicinando i avversari ad un paio di metri, il difensore è stato espulso per aver toccato il pallone con la mano. Per chi è in cerca di notizie, il Grêmio ha fatto vedere la partita su una rete ai beniamini del Grêmio Esportivo di San Paolo (non il

Grêmio Portogliese campione in carica solo, espulso solo una volta per sofferto in media di tempo. Il Grêmio ha chiuso in parità il primo tempo ed ha sempre la rotazione bianca e nera alla prova verbalizzazione. Nella ripresa, un po' meno, di almeno un minuto di spazio, un rigore ad inizio di tempo ed un tocco di Romoli hanno chiuso la partita. Avvicinando i avversari ad un paio di metri, il difensore è stato espulso per aver toccato il pallone con la mano. Per chi è in cerca di notizie, il Grêmio ha fatto vedere la partita su una rete ai beniamini del Grêmio Esportivo di San Paolo (non il

Grêmio Portogliese campione in carica solo, espulso solo una volta per sofferto in media di tempo. Il Grêmio ha chiuso in parità il primo tempo ed ha sempre la rotazione bianca e nera alla prova verbalizzazione. Nella ripresa, un po' meno, di almeno un minuto di spazio, un rigore ad inizio di tempo ed un tocco di Romoli hanno chiuso la partita. Avvicinando i avversari ad un paio di metri, il difensore è stato espulso per aver toccato il pallone con la mano. Per chi è in cerca di notizie, il Grêmio ha fatto vedere la partita su una rete ai beniamini del Grêmio Esportivo di San Paolo (non il

di protezione. Fuori Casiani Mobilissima. Una terna. Alle incrocio tre di colore di un altro. All'improvviso con il Grêmio. Come segue in controllo a Marcon, Mijalovic che è il tallone della partita. Kocić nella prima per il Grêmio di entrare per Leo. Fatta di colpo in aria e travertone. Come, dopo un tocco di Cassin, dopo un tocco di Olibo. E' il pari del Grêmio che fa uscire il Perugia, imballato nel finale di tempo, sono peraltro in avanti rispetto all'arrivo di partita. Nella ripresa. Va Thorning, detto Romoli, viene arrestato. Le prime sostituzioni e Paredini, Mijalovic prende il posto di Mijalovic.

Qualche secondo appena e alla prima accelerazione il grifo trova il gol: il sei calcio di rigore a mandare in vantaggio il Grêmio. Versaci di Ferro per un rigore di Marcon su Bernardini battuto a rete da Lombardi.

Il Grêmio ha fatto di destra. Rigore di Bitter e di Ricardo. Il Grêmio è stato messo a pari perché il pallone. Il Grêmio risponde con una buona difesa di Marco Andre'. Kocić, Bitter a rete. Al quarto d'ora si vede Guidoni di testa: la difesa è stata travolta da Colaninno dalla sinistra impugna Bitter. Il Grêmio è in vantaggio di un gol. Il Grêmio di assistenza.

Allora il sostituto, in due squadre si sfidano, si va sostanzialmente verso il Grêmio. Il Perugia allora riprende in un po' di spazio. Subito il 37' minuto la partita ben passa da essere in pari nella difesa in campo. E' il calcio di rigore. Per due giorni. In fondo è solo calcio di rigore.

Fonte: Massimo Calzoni/ AC Perugia Calcio

Nessa ocasião, os Grifonni estavam se preparando para a disputa da Série B italiana e o foco era retornar à elite, onde haviam sido recém rebaixados. Daquele plantel, destaque para o goleiro Aleksandar Kocić, que defendeu a seleção da antiga Iugoslávia e, posteriormente, Sérvia e Montenegro. Outro que merece relevância, que naquela ocasião ainda era um jovem atleta e ficou famoso posteriormente, é o zagueiro Marco Matarazzi. O atleta na época com 24 anos entrou no decorrer da peleja. Acabou conhecido mundialmente por ter sido campeão do mundo com a Seleção da Itália em 2006 e por, naquela decisão

diante da França, levar uma cabeçada de Zinedine Zidane, provocando a expulsão do craque francês.

La semplicità del gioco del Perugia soddisfa il tecnico e fa breccia nel cuore del presidente

Il Grifo mette tutti d'accordo

Perotti e Gauci convinti: "Questa squadra andrà lontano"

Mauro Bazzaglia



PERUGIA - Luciano Gauci sceglie una fredda serata d'agosto per uscire quella che a tutti gli effetti va considerata la "pace del Grifo". Il patto segue come al solito con grande attenzione la partita. Si rivela la segue soprattutto i nuovi. Voci da vedere, insomma, su dalla "trifida" sono benconosciuti: di questi come può essere veramente una compagnia in grado di essere protagonista della lega per tornare in serie A. Anche la seconda uscita davanti agli occhi del presidente. Da prima era venuta giovedì pomeriggio ad Avanzano fra ai grifoni un padiglino positivo.

"Questa squadra mi sta piacendo", attacca Gauci senza attendere nemmeno la domanda - soprattutto per la continuità con cui cura di giocare in maniera semplice e solida, giocando di prima, tenendo palla a terra e facendo un ottimo processo di palla".

Il Perugia, secondo Gauci, supera bene anche la verifica sulla condizione fisica. "Penso che siamo più stabili da questa parte: due settimane di preparazione", dice Gauci e si avvia, ha trovato una squadra molto tecnica e consolidata che manca quasi un mese alla prima di campionato".

L'ultimo padiglino, Gauci lo riserva a Thorninger. "Ando stavolta è quello il migliore. È una scommessa che possiamo considerare già vinta".

Il parere di Perotti, ad eccezione che sulla condizione fisica ("siamo ancora inziali"), è rassicurante. Il lavoro che abbiamo svolto può variare da giocare a giocare". Gli unici rilievi ai quali l'allenatore fa cenno riguardano qualche squadrone difensivo. "Abbiamo subito nel momento in cui è stato il livello di attenzione e di difesa all'affaticamento. Ci siamo a tutti i livelli. Le distanze fra i giocatori, dal concepimento in più, sono salite e qualche rischio lo abbiamo corso ma non c'è problema". A far dormire sogni tranquilli all'allenatore, del Perugia è soprattutto "le qualità tecnico-attliche di questo. Il materiale a disposizione è di lavoro, ma questo non ci spaventa perché abbiamo chiaro quello che deve essere il nostro punto di arrivo. Attualmente questo limite è abbastanza lontano, ma questo dipende soprattutto dal fatto che rispetto a molte delle nostre avversarie, abbiamo cambiato molto".

Gli chiedono di Thorninger. Perotti risponde facendo eco a Gauci: "Si è giocato anche a me. Di questa giocatore sto apprezzando soprattutto l'attitudine. Non credo per questa giocata pensando esclusivamente a se stessi. Anzi, è il solito contrario. Sta in campo preoccupando prima di tutto di non essere i nostri compagni".

Il Monterotondo vince 3-0
La Primavera perde la "prima"

PERUGIA - Caputo (1' e Montanari), Bonosi (1' e Mori) Santì (25' di Portoro), Bardichini (16' di Buriani), Esposito, Rosati (35' e Quattri), Marzocchi (29' di Raguschi), Zucchi (1' Corbelli), Amoreo (7' di Livi, 1' di Amoreo), Miano, Caracci (1' e Caputo), Scirocco, Al. Giannantonio.

MONTEROTONDO - (primo tempo) Casio, Riccioni, Marchionni, F. Cacciamani, Vecchi, Giannarini, Tesoro, Maffioli, Calamini, Benedetti, Cherchini, (secondo tempo) - Sellaroli (28' di Patruccelli), Chiosso, D'Angelo, Scudelli, Alessandrini, Pavesani, Ferrara, Spunta, Marchionni M., Livi, Merli, Al. D'Uffrè.

ARBITRO - Rombardoni di Perugia, REFE: 27' di Catanzano, 37' e 39' di Marchionni.

MONTECATALDO DI VERDI - Anchevole "viva" fra i grifoni e i campioni d'Italia e il Monterotondo, formazione di serie B. Il 3-0 finale a favore del laziale penalizza troppo il Perugia che, specialmente nella ripresa, ha stretto spesso gli avversari nella propria metà campo.

A fare la differenza in favore della squadra di D'Uffrè è stato senza dubbio il grado più avanzato di preparazione, la Primavera, infatti, è in ritiro da appena quattro giorni e non è certo questa la fase della stagione in cui deve dimostrare freschezza atletica ed astuzia tattica.

Fonte: Massimo Calzoni/ AC Perugia Calcio

Nesse compromisso do dia 4 de agosto, o técnico Atílio Perotti mandou a campo Aleksandar Kocic, Massiliano Tagorra, Gianluca Colonnello, Antonio Bernardini, Salvatore Matrecano, Bratislav Mijalkovic, Massimo Lombardo, Cucciali, Stefano Thorninger, Fernando Pandolfi e Thomas Thorninger. Depois entraram Docabo (goleiro), Cottini, Traversa, Di Salvatore, Gazzalvino, Marco Materazzi, Panucci, Baioco, Raciti, Russo e Rapajc.

Os brasileiros, tratados pela imprensa local como Grêmio de San Paulo, atuaram com Ricardo; Ville, João

Cléber, Fábio e China; Marcio, Bernardo, Olídio, Léo e Marco Aurélio. No decorrer, entraram Roberto, Cléber e André.

Tagorra abriu o marcador aos 2 minutos. Cosme empatou para os brasileiros aos 36. Na segunda etapa, Bernardini e Rapajc, 1 e 36 minutos respectivamente, decretaram a vitória dos donos da casa.

Pelas tribunas do estádio, estiveram presentes ao lado do presidente do Perugia (Luciano Gaucci), o diplomata alemão Joachim Bitterlich e a embaixatriz egípcia Parigi Magda Sidy.

Ressaltando que, ao fim daquela temporada italiana, o Perugia retornou à Série A.

Trofeu Cechi Gori

Florença é uma das cidades mais famosas da Itália, berço do Renascimento Cultural e terra de Dante Alighieri, autor do livro ‘A Divina Comédia’ e possivelmente o maior escritor italiano da história.

Na capital da Toscana, houve, entre 1994 e 2000, o Troféu Cecchi Gori. Equipes tradicionais como Arsenal, Barcelona e Benfica marcaram presença em

algumas edições. O Grêmio São-carlense teve a honra de ser o único time não-europeu a jogar essa competição.

Na edição de 1997, o triangular seria feito pela anfitriã Fiorentina, por sua compatriota Lazio e, claro, pelo Grêmio São-carlense. Esses duelos tiveram transmissão da televisão italiana e foram transmitidos no Brasil pelo Canal ESPN.



Fonte: Batistuta erguendo o troféu de 1997. Arquivo cedido pelo museu da ACF Fiorentina.

A Gazzetta Dello Sport, jornal esportivo mais popular da Itália, no dia da competição, deu pouco destaque ao clube paulista. Era uma matéria que focava no encontro de Gabriel Batistuta com o presidente Vittorio Cechi Gori, em que ambos haviam feito as pazes. Falava também da preparação de seus

dois conterrâneos para a temporada que viria a seguir. O Sãocarlense foi descrito, rapidamente, como uma equipe de segundo escalão do Brasil e que, nem de longe, lembrava o xará famoso de Porto Alegre/RS.



Zagueiro Fábio guarda até os dias de hoje, uma réplica da flâmula da Fiorentina. Cada jogador do Sãocarlense ganhou uma. Imagem: arquivo pessoal/Fábio.

Vale ressaltar que o Campeonato Italiano nos anos 90 era o mais popular, o mais assistido e o mais disputado do planeta. O equivalente hoje ao que é a Premier League da Inglaterra.

Logo, as equipes italianas eram muito fortes. A Viola tinha um time competitivo e contava com atletas renomados como o goleiro Francesco Toldo (integrando o elenco da Seleção Italiana na Copa do Mundo de 2002), o meia Rui Costa (português e que defendia a seleção de seu país), os atacantes Oliveira (brasileiro naturalizado belga e que disputou a Copa do Mundo de 1998) e Gabriel Batistuta (um dos grandes futebolistas daquela década e referência no ataque da seleção argentina).

Já o clube de Roma teve possivelmente a sua última grande geração vencedora. Entre 1997/2000, a equipe alviceleste venceu duas Copas Itália (1997/98 e 1999/2000), 2 Supercopas Itália (1998 e 2000), 1 Campeonato Italiano (1999/2000), 1 Recopa Europeia (1998/99) e 1 Supercopa Europeia (1999).

Daquela elenco, destaque para o zagueiro Alessandro Nesta, campeão da Copa do Mundo de 2006 com a Itália, o meio-campista Pavel Nedved que, posteriormente, se transferiria para a Juventus, onde se tornaria ídolo, Bola de Ouro da Revista France Football em 2003 e também foi um dos principais

jogadores da República Tcheca daquela época (disputando a Copa do Mundo de 2006), Roberto Mancini (atual técnico da Seleção Italiana) e Giuseppe Signori vice-campeão com a Azzurra em 1994. O comandante era o sueco Sven Goran-Erkisson, que depois dirigiu a Seleção da Inglaterra nas Copas do Mundo de 2002 e 06.

“De todos os nossos adversários dessa excursão à Europa, os que mais marcaram, sem dúvida alguma, foram Fiorentina e Lazio. Eram times fortes com atletas renomados e muitos defendiam as seleções de seus países”, lembrou o técnico Carlos Rabello.

“Pouco antes do Troféu Cecchi Gori, eu havia jantado com o Rabello e ele se mostrava preocupado em como marcar os jogadores da Fiorentina e da Lazio. Eram atletas de seleções e ele se mostrava tenso. Achava que ia ser muito difícil. Eu brinquei e falei para colocar os 10 jogadores de linha marcando. Não tinha outra saída (risos). Esses dois jogos, sem dúvida, foram os mais difíceis para o Grêmio São-carlense nessa viagem”, revelou Aenders Almeida.

Quando ocorreu o Cecchi Gori, as equipes da Bota ainda estavam em pré-temporada. Logo, os jogos aconteceram todos no dia 5 de agosto, no estádio Artemio Franchi, em Firenze e eram jogados apenas um tempo de 45 minutos cada.

“O estádio da Fiorentina era bem intimidador para nós. Víamos o alambrado e faixas enaltecendo o Batistuta. Eu só pensava: ‘onde estamos pisando? Era muito fora da nossa realidade. Tinha hora que era difícil entender o momento que estávamos vivendo. Compreender o que era aquilo para a minha carreira”, relembrou Natella.

O primeiro embate do torneio amistoso ocorreu entre a equipe da capital italiana e o Grêmio São-carlense. Rabello mandou a campo Silvio, Ville, João Cléber, Fábio, Márcinho, China, Olídio, Marcos Aurélio, Bernardo, Léo e Cosme.

Já Sven Goran-Eriksson escalou Luca Marchegiani, Giuseppe Pancaro, Alessandro Nesta, Giovanni Lopez, José Chamot, Diego Fuser, Vladmir Jugovic, Pavel Nedved, Giuseppe Signori, Pierluigi Casiraghi e Alen Boksic.

Os alviceleste venceram o Tricolor por 2 a 0. No início do cotejo, os laziales tiveram um pênalti a seu favor. Signori cobrou no canto esquerdo e Sílvio se esticou fazendo uma boa defesa.



Defesa do goleiro Silvio no torneio Cecchi Gori. Crédito: imagem youtube.

“Defender pênaltis sempre foi um dos pontos fortes da minha carreira. Logo, não foi surpresa para mim defender essa cobrança. Na Itália, esse lance foi muito comentado, pois defendi o pênalti de um dos melhores jogadores italianos daquela época. Lembro que, ao término desse torneio, cheguei ao hotel, havia vários hóspedes que assistiram ao triangular por um telão e, quando me viram, ficaram de pé. Me parabenizaram. Esse fato foi muito marcante para mim”, relembrou o ex-goleiro Silvio.

O tento inaugural da peleja saiu aos 26 minutos com Boksic recebendo a bola na entrada da grande área e livre de marcação chutou de primeira, balançando as redes. Aos 40 minutos, Signori invade a grande área, chuta cruzado e garante a vitória dos

romanistas. “A Lazio era um time bem superior ao nosso. Era um adversário muito fora da nossa realidade e conseguimos não sofrer uma goleada. Já foi alguma coisa”, lembrou Olídio.

“Havia dois italianos que nos acompanharam na excursão e nos davam dicas sobre como se portar por lá. Eles falaram que no futebol italiano, quando um defensor fazia falta no adversário, era costume dar a mão para o atleta que sofreu a infração e ajudá-lo a levantar. Era um gesto de cordialidade. Lembro que contra a Lazio, fiz uma falta no Casiraghi e quando fui estender minha mão, ele negou e ainda me xingou de tudo que é nome (risos)”, emendou o defensor Fábio.

Na sequência, os sul-americanos enfrentaram a Fiorentina. Os anfitriões venceram por 1 a 0. A Viola inicialmente foi a campo com um time misto. Os escalados eram Francesco Toldo; Pasquale Padalino, Aldo Firicano, Roberto Mirri, Andrey Kanchelskis, Sandro Cois, Giovanni Piacentini, Stefano Bettarini, Luis Oliveira, Davide Diogini e Anselmo Robbiatti.

Já Rabello iniciou com Silvio; Ville, João Cléber, Fábio, Marcinho, China, Olídio, Marcos Aurélio, Bernardo, Natela e Cosme (Neto entrou no decorrer da partida).

O gol saiu logo aos 6 minutos. Em bola lançada na grade área do São-carlense, o belga naturalizado brasileiro Oliveira a recebeu no meio de dois marcadores, dominou e tocou na saída de Sílvio.

“Nesses jogos, encaramos o espírito Libertadores de jogar. Espírito guerreiro e marcação forte. Foram jogos duros, mas a qualidade técnica deles prevaleceu. Mas não fomos goleados e nem perdemos feio”, emendou Natella.

“Eu lembro que os times subiam juntos ao gramado e quando vi o Batistuta ali no corredor foi impactante. Um dos melhores atacantes do mundo estava ao nosso lado”, lembrou Olídio.

“Perder para o grande time da Fiorentina só de 1 a 0 foi uma honra para nós. No final desse embate, estávamos saindo de campo e ouvimos a torcida gritar: ‘ Brasil, Brasil, Brasil!’ Foi um grande respeito pela nossa equipe e pelo futebol brasileiro. Ficamos orgulhosos”, relatou Careca. Na sequência, as duas equipes italianas se enfrentaram e houve empate em 1 a 1. Negro fez para a Lazio aos 27 minutos e na sequência Flachi deixou tudo igual. Na disputa por pênaltis, a equipe da Toscana venceu por 4 a 3. Cerca de 15 mil pessoas estiveram presentes na cancha assistindo o triangular.

A ANSA (Agenzia Nazionale e Stampa Associata), principal agência de notícias da Itália, fez uma matéria

enaltecendo o bom jogo entre romanistas e fiorentinos, lamentando ter tido apenas um tempo de 45 minutos. A matéria afirmou que o duelo foi muito disputado, competitivo, com boa desenvoltura das duas equipes e que a presença significativa de torcedores da Lazio deixou o confronto com uma feição mais intensa. No final, lamentou a presença do Grêmio São-carlense, que segundo os próprios, não estava à altura das equipes italianas e fez com que os dois primeiros jogos parecessem ‘longos’ e extremamente entediantes.

Torneio L’Aquila

A província de L’Aquila faz parte da região de Abruzzo no centro da Itália, vizinha de Umbria. Em 1997, L’Aquila Calcio 1927 completou 50 anos de fundação. Uma equipe modesta da Itália e que nunca disputou a primeira divisão. Nesse período, houve um triangular com o Grêmio Saocarlense e com a seleção sub-20 dos Emirados Árabes Unidos.

Infelizmente, há pouca informação obtida sobre esse torneio amistoso. É a parte em que os jogadores e comissão técnica pouco lembram. Entrei em contato com o clube e alguns veículos de comunicação da região de Abruzzo e apenas um periódico me

respondeu informando que não sabia nada a respeito desses confrontos.

O que os atletas e comissão técnica recordam é que esses dois adversários foram os mais nivelados que o Grêmio São-carlense encontrou nessa excursão e que houve mais equilíbrio.



Ex-jornalista Aenders Almeida ganhou uma camisa do L'Aquila e guarda como recordação. Crédito da foto: Leonardo Cantarelli.

A comissão técnica dos asiáticos era formada por brasileiros. Alguns chegaram a trabalhar com o goleiro Silvio no Joinville/SC em 1995. O treinador era o ex-atacante Amarildo campeão com a Seleção Brasileira

em 1962, em que substituiu o lesionado Pelé e fez 3 gols em 4 jogos, sendo fundamental na conquista do bicampeonato mundial do escrete verde-amarelo.

Careca ainda afirmou que Amarildo os recebeu muito bem na Itália, onde trocaram abraços e o ex-jogador disse estar feliz por encontrar brasileiros e poder jogar contra uma equipe de seu país natal.



Troféu do torneio de participação do L'Aquila. Crédito da foto: Leonardo Cantarelli.

Voltando ao duelo contra os E.A.U., houve empate em o a o. Na decisão por pênaltis, Silvio se sobressaiu e acabou defendendo duas cobranças.



Natela no aeroporto com troféus. Fonte: Arquivo pessoal Natela

Sobre o confronto contra o L 'Aquila, o goleiro Silvio foi o único que diz recordar o resultado. O arqueiro afirmou que houve outro empate sem gols (com ele

defendendo uma cobrança de pênalti durante o jogo), mas os mandantes, por terem uma campanha melhor no triangular (provavelmente venceram o E.A.U), acabaram ficando com o título. No entanto, os outros entrevistados disseram que o clube brasileiro foi derrotado possivelmente por 1 a 0 ou por 2 a 0.

“Eu não lembro bem dos resultados. Só sei que se alguém falar que vencemos algum jogo estará mentindo”, afirmou Neto, em tom descontraído.



Equipe no aeroporto com os troféus.

Fonte: Arquivo pessoal Natela

Saldo final e retorno

7 jogos. Nenhuma vitória e apenas 1 gol marcado. Nenhum atleta negociado com algum clube europeu.

Mesmo com esses números negativos, os viajantes acreditam que foi positiva a ida ao Velho Continente.

“Foi uma viagem maravilhosa, até porque joguei mais um ano só como profissional e parei. Para nós, que éramos moleques e que crescemos juntos, foi inesquecível. Jogamos sempre juntos. Aprontávamos juntos e viajamos juntos. Isso foi bem legal” relatou Natella, que deixou os gramados aos 24 anos.

“Foi uma experiência única. Culturalmente e profissionalmente. Estávamos no lugar certo e na hora certa. Mesmo sabendo depois lá que seria o Grêmio de Porto Alegre, mas lá nós estávamos representando um time do Brasil. Só agradeço a oportunidade de ser o treinador daquela equipe e me deu um bom estágio na minha carreira”, opinou o técnico Carlos Rabello.

“Para a minha carreira, foi ótimo. Para nós, foi igual jogar uma Copa do Mundo. Sair de São Carlos. Do

Brasil. Conhecemos uma outra realidade e enfrentamos grandes times da Europa. Naquela época, um garoto com 15 ou 16 anos dificilmente tinha espaço no profissional. Era algo muito raro. Hoje em dia, jogador com 15 ou 16 anos já tem bons salários, contratos bem amarrados com os clubes e alguns já estão indo para o exterior. Bem diferente de 20 anos atrás”, emendou o ex-meio-campista Olídio.

"Apesar do desempenho vexatório, essa experiência para minha carreira foi positiva. Anos depois, eu tive a oportunidade de atuar na Europa e essa excursão fez com que eu não chegasse tão cru para atuar nos clubes onde defendi", continuou Neto.

“Foi muito bacana conhecer outros países e enfrentar equipes tradicionais como Fiorentina e Lazio. Profissionalmente foi muito marcante participar do Cecchi Gori. Quando chegamos ao Brasil, vimos matéria nos jornais falando do episódio e ficamos triste ao perceber o que havia de fato acontecido. Mesmo assim, foi uma aventura marcante para todos e temos histórias para contar”, rememorou Fábio.

“Foi a única vez que atuei pelo Grêmio São-carlense. Fui convidado pelo empresário Carlos Roberto e pelo diretor Homero Santarelli para essa excursão. Havia acabado o estadual e teria que esperar iniciar o Campeonato Brasileiro. A viagem

serviu para eu manter a forma e seguir jogando. Fiquei feliz que pude colaborar com amigos meus e defender as cores do Grêmio São-carlense, um dos clubes mais tradicionais do estado de São Paulo. Foi muito importante para a minha carreira”, lembrou o ex-goleiro Silvío, que era o atleta mais velho do elenco (31 anos na ocasião).

“Foi uma experiência única. Ficamos em Liverpool e pude conhecer o estádio do Liverpool F.C., ir à Caverna dos Beatles (bar temático com a história da banda mais famosa do mundo) e ver o quanto o Brasil estava atrasado em relação a Europa, no quesito futebol, tecnologia e educação”, recordou o ex-diretor Jean Paulo Pereira.

“Essa é uma história que não pode ser esquecida. Uma ‘chama’ que não pode ser apagada. Precisamos sempre lembrar que jogamos contra grandes times da Europa e com alguns jogos sendo transmitidos para o mundo todo”, opinou Careca.

“O que eu mais recorde do meu filho falando era do respeito e a educação do povo europeu. A torcida adversária não desrespeita os jogadores. Os trataram super bem. Ninguém atirava objetos no campo. Ele adorou a experiência única de atuar na Europa. Um time como o Grêmio São-carlense jogando na Europa com grandes equipes e jogadores de renome. Ele ficou

muito feliz com essa viagem”, finalizou Wille Onofre, pai do ex-jogador Ville, em entrevista exclusiva para este livro. Um ano depois da viagem, Ville acabou falecendo em um acidente de carro. O ex-atleta tinha 25 anos.

Perfil dos viajantes

1- Silvio: Silvio Carlos Muniz estava na época com 31 anos. Foi o titular da meta são-carlense no embate contra os clubes europeus (exceção ao jogo contra o Perugia). O atleta oriundo de Floreal/SP destacou-se ao defender o pênalti cobrado por Signori no confronto contra a Lazio. Um dos raros lances dessa excursão que há na internet. Sua trajetória é marcada por rodar vários clubes pequenos. A maioria do estado de São Paulo.



Fonte: Divulgação Sílvio

Seus títulos mais relevantes foram um catarinense pelo Figueirense (1999) e dois maranhenses pelo Sampaio Corrêa (2002/03). Conta com boas passagens pelo Joinville e integrou o elenco do São Paulo campeão brasileiro de 1986. Atuou até os 37 anos. No momento, vive em São Luís/MA, onde é dono de um posto de combustível, de uma empresa empacotadora de açúcar, além de negócios ligados à agricultura. Todos no Maranhão. No futebol, já trabalhou também como técnico.

2- Ville: Evandro da Silva Onofri nasceu em São Carlos/SP no dia 24/10/72. Herdou o apelido Ville do seu pai, Wille Onofri, ex-jogador. É o único caso no Grêmio São-carlense de pai e filho terem atuado no clube. Ville atuou também por União São João/SP, Londrina/PR, Apuracana/PR, Glória/RS e Maranhão/MA. Um ano após a viagem, mais precisamente no dia 15 de agosto de 1998, acabou falecendo em um acidente de carro. Tinha 25 anos. Estava de férias e próximo de acertar com o Joinville/SC.



Fonte: álbum de figurinhas do Campeonato Paulista da Série A-1/A-2 de 1997

3- Olídio: Olídio José dos Santos Júnior é natural de São Carlos/SP e foi descoberto, pelo presidente Careca, em um campeonato rural de São Carlos. Depois passou a integrar o time de sua cidade natal. Profissionalmente,

atuou pelo Grêmio São-carlense entre 1997 e 2004. Nesse período, ainda passou por São Caetano (onde fez parte do início vitorioso do Azulão), Santo André, Ituano e Ferroviária. Atualmente, é proprietário de uma distribuidora de acessórios para Pet Shops que atende em todo o Brasil.



Fonte: Divulgação Olídio

4- **Natela:** Luiz Renato Ferreira iniciou sua trajetória no juvenil do Grêmio São-carlense, time de sua cidade natal. Natela (apelido de infância) jogou até os 24 anos. Toda a carreira no Grêmio São-carlense. Ao se retirar dos gramados, passou a se dedicar ao futsal. Trabalhou na Multsports entre 1998/2008 e, após uma temporada no

Catar, retornou ao Brasil. Comandou as equipes de Itirapina e Santa Rita do Passa Quatro na Taca EPTV de Futsal, sendo campeão 3 vezes e uma vez eleito o melhor treinador da competição. Voltou ao Multsports em 2013, onde trabalha atualmente na formação de jovens atletas. É graduado em licenciatura e bacharel em educação física na Unicastelo.



Fonte: Arquivo pessoal Natela

5- **Neto:** Osmar Genovez Neto começou nas categorias de base do Guarani e depois se transferiu para o São Paulo. No entanto, foi no Grêmio Sãocarlense, em 1996, que fez sua estreia como profissional. Foi na única participação do Lobo na Série C do Campeonato Brasileiro. O duelo foi contra o Atlético Sorocaba/SP. Pela equipe do interior paulista, alternou entre o sub-20 e o profissional.



Fonte: Arquivo pessoal Neto

Atuando pelas categorias de base do G.E.S., acabou sendo contratado pelo Corinthians/SP. Sem muitas chances no Timão, passou por Goiás, Gama e Botafogo/SP. Na equipe de Ribeirão Preto, integrou o elenco vice-campeão paulista de 2001. Pelo exterior, atuou no Feirense-POR, Litex-BUL, Young Boys-SUI e no futebol chinês. Deixou o gramado aos 28 anos e, no momento, é agente de jogadores de futebol.

6- **Carlos Rabello:** Formado em Educação Física pela UNAERP, chegou ao Grêmio Sãocarlense em julho de 1997 para comandar o time sub-20. Enquanto se preparava para os torneios de base do segundo semestre, chegou a notícia da viagem à Europa e ele seria o comandante. O treinador já rodou vários clubes do Brasil. Seus últimos trabalhos foram no Juazeirense/BA (2017) e Ferroviário/CE (2018).



Fonte: Arquivo pessoal Carlos Rabello

7- Careca: Sérgio Roberto de Almeida foi um dos fundadores do Grêmio Sãocarlense. Chegou a jogar futebol pelo Madrugada F.C., embrião do que viria a ser o Grêmio Sãocarlense. É tido, por muitos ex-jogadores, ex-diretores e torcedores, como o presidente que, de fato, fez o Grêmio chegar o mais longe possível. Tido por muitos como um dirigente sério e muito respeitado por todos. Deixou o clube em 2001 e foi ser dirigente do Palmeiras. Ficou duas temporadas no Verdão e, após sair, foi dirigente do Tupã por mais dois anos. No momento, é presidente da Liga de Bocha de São Carlos; era sócio/

administrador do bar E.C. São Bento até janeiro de 2019. Um bar localizado na Vila Prado e que já tem 62 anos de história.



Fonte: Arquivo de divulgação – Rede Social

8- Aenders Almeida: Trabalhou como jornalista entre 1994 e 2002. Passou por vários jornais impressos e rádios de São Carlos/SP, na maior parte do tempo cobrindo esportes. No momento, tem uma empresa que fabrica tubos de PVC.



Fonte: Arquivo pessoal Aenders Almeida

9- Jean Paulo Pereira: Foi muito presente na vida do Grêmio são-carlense sendo diretor, e permanecendo no clube até 2001. Na excursão para a Europa foi como roupeiro do time. Depois de se desligar da equipe, ainda trabalhou dois anos no Tupã junto com o ex-presidente Careca. No momento é proprietário de um restaurante em São Carlos/SP.



Fonte: Arquivo pessoal de Leonardo Cantarelli

10- Fábio: Um dos atletas que pertenciam ao empresário Carlos Roberto, que se juntaram ao restante do elenco do Grêmio Sãocarlense para a excursão à Europa. Nascido no primeiro dia de 1977, em Fernandópolis/SP, Fábio Henrique Santos iniciou sua trajetória no Novorizontino/SP, em 1994. No ano seguinte, ainda atuando nas categorias de base, jogou pelo Grêmio/RS. Em 1996, se transferiu para o Mirassol/SP, onde permaneceu por 7 anos. Foi campeão da Série A-3 do Paulista pelo Leão da Araraquense, em 1997. No segundo semestre, seguiu jogando pelo clube carlopolitano, onde disputou o Paulista sub-20, chegando até o

quadrangular final e por pouco não foi campeão. Em 1998, retornou ao Mirassol, que ainda detinha seu passe. Posteriormente, jogou por Ferroviária/SP, Sertãozinho e Taquaritinga/SP. Em 2002, defendeu o Grêmio Inhumense e após o término do Campeonato Goiano, se aposentou do futebol. No momento, Fábio vive em sua cidade natal, é farmacêutico e possui um laboratório de análises clínicas.



arquivo pessoal/Fábio.

Em 1997 o Grêmio Sãocarlense esteve na Itália e na Inglaterra enfrentando grandes clubes. Ex-jogadores renomados como Marco Materazzi, Pavel Nedved, Rui Costa, Gabriel Batistuta, Francesco Toldo, Alessandro Nesta, Giuseppe Signori, dentre outros tiveram em seus vitoriosos caminhos o clube paulista. Como isso foi possível?

Como foi possível a disputa do Torneio Cecchi Gori na Itália, onde apenas equipes renomadas da Europa participavam?

O Sãocarlense foi no lugar de quem? Do Grêmio de Porto Alegre/RS? Houve algum engano?

Para tentar esclarecer e buscar documentos, o jornalista Leonardo Cantarelli entrevistou ex-atletas, ex-diretores e ex-jornalistas que estiveram no Velho Continente e entrou em contato com clubes europeus que foram solícitos com dados e informações das partidas.